

## As formas discursivas do pastorado bolsonarista

The discursive forms of Bolsonaroist pastorate

Sandson de Souza Costa<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
sandson314@gmail.com

Edgley Freire Tavares<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
edgleyfreire@uern.br

**RESUMO:** Este artigo examina a atualidade das práticas discursivas da política brasileira com o objetivo de propor uma crítica às formas de poder pastoral atualizadas nas práticas fundamentalistas no Governo Bolsonaro. Para tanto, dialogamos com as teses foucaultianas em dois pontos: na proposição de uma teoria das formas discursivas, centralmente expressa na obra *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, [1969] 2007) e na atualização dos estudos da genealogia do poder pastoral, notadamente, no curso *Segurança, território e população* (FOUCAULT, [1977-1978] 2008). Recortamos do arquivo uma série de enunciados que circularam na plataforma *Twitter* no período de 2018 a 2022. Como problemática relevante da atualidade, o pastorado bolsonarista se estrutura histórica e semiologicamente propagando formas de racionalidade e correlações de força que articulam o político ao religioso, ao militarismo e à crença em valores morais absolutos. O exercício da tecnologia de poder pastoral no Brasil torna visíveis na conjuntura nacional a emergência da vontade por uma sociedade autoritária e a crise da experiência político democrática.

**Palavras-chave:** Discurso; Bolsonarismo; Poder pastoral; Crítica.

**ABSTRACT:** This present article examines the actuality of discursive practices in Brazilian politics with the aim of proposing a critique of the pastoral power forms updated on fundamentalist practices in the Bolsonaro Government. Therefore, we dialogue with Foucauldian theses at two points: in the proposition of a theory of discursive forms, centrally expressed in the work *The Archeology of knowledge* (FOUCAULT, [1969] 2007) and in the resumption of studies on pastoral power studies, notably in the course *Security, Territory, Population* (FOUCAULT, [1977-1978] 2008). We extracted from the archive a series of utterances that circulated on the *Twitter* platform from 2018 to 2022. As a relevant current issue, the Bolsonaroist pastorate is historically and semantically structured propagating forms of rationality and power correlations that articulate the political with the religious, militarism and belief in absolute moral values. The exercise of the technology of pastoral power in Brazil makes visible the emergence of the will for an authoritarian society and the crisis of the democratic political experience.

**Keywords:** Discourse; Bolsonarism; Pastoral power; Criticism.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3505-3869>.

<sup>2</sup> Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1714-4946>.

## Introdução

*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.*  
(João 8:32)

Segundo a tradição cristã, Jesus é a palavra manifesta em carne e, por meio dele, vida e verdade coexistem: Deus se fez carne para que pudesse falar e assim, pudesse ser ouvido. Falando em diversas perspectivas, de modo que o homem possa vê-lo verdadeiramente, através daquele que é Deus, que é o verbo<sup>3</sup>. Sem a orientação e a provisão divinas, o homem não ganhará a vida prometida, e a palavra será apenas letra, símbolo sem significado, morte. Se não consegue ouvir a verdade, como encontrará vida? *E respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida*<sup>4</sup>. O Cristo veio para conduzir, para conquistar almas perdidas pelo caminho da verdade. Contudo, por meio da palavra, os homens serão postos à prova, expostos, julgados e condenados, caso a ovelha fuja da conduta do rebanho, pois tudo aquilo que está fora do caminho da verdade pertence ao mal.

João 8:32 foi demasiadamente utilizado como uma máxima na campanha à presidência em 2018 de Jair Messias Bolsonaro. Como fragmento do discurso bíblico, o versículo ganhou centralidade na formação discursiva bolsonarista, misto de jogos de saber e correlações de força que mobiliza com forte regularidade a memória da palavra de Deus e sua enorme significância para os cristãos. Para a fé de muitos, a questão é íntima, irreduzível, intocável. Ao fazer esse movimento, a empreitada bolsonarista se preenche de um vínculo afetivo desenvolvido em milênios, faz apelo ao *pathos* social, toca no sagrado, investe nos corações. No entanto, não se trata apenas de evangelizar, e o então candidato Bolsonaro, *pela palavra*, buscava demarcar espaços de ação, de identificação e estreitar seu posicionamento político com base na força dos valores conservadores e na doutrina cristã.

O bolsonarismo é uma forma de pensar o mundo e um projeto de governamentalidade, nos termos foucaultianos, cujo funcionamento se faz notar em materialidades discursivas e em múltiplos suportes institucionais. Como articulação discursiva política, estratégia saber-poder, o bolsonarismo tem como condição de possibilidade e validade a soma de três grandes síndetos, *política e economia*, *política e militarismo* e *política e religião*. Este último, como esperamos mostrar, tem como principal desdobramento uma espécie de instrumentalização da religião e uma política pastoral sob o signo da tragédia.

---

<sup>3</sup> “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. João 1:1.

<sup>4</sup> João 14:6.

Neste intrincado jogo, tornam-se visíveis as formas do antagonismo ou da polarização, que nos termos de Mouffe (2015) equivale à dimensão ontológica da política, o seu ser, aquilo que dá forma e se atualiza nas condutas em torno das questões públicas. Para a cientista política belga, essa dicotomia do “nós contra eles” instaura correlatos negativos, a exemplo do próprio discurso de ódio ao outro e ao diferente. Nas imagens do bolsonarismo, esse binarismo produz uma vontade de verdade estruturada na crença em ideais conservadores e radicais, visivelmente opostos aos sentidos de inclusão que devem dotar o significante “democracia” de um valor político. Assim, o que vemos nas formas discursivas do bolsonarismo é uma espécie de exclusivismo como valor político que funciona dentro de uma racionalização religiosa extremista. No imaginário político nacional, o pastorado bolsonarista produz como efeito a constituição de zonas de conflito em que o outro não é visto como adversário político, e sim como inimigo, um mal a ser combatido e extirpado, visão negacionista que repudia a heterogeneidade social e cultural dos modos de vida.

Para Foucault (2011, p. 10) o exercício do poder é munido de uma manifestação da verdade e, trata-se, “essencialmente, de fazer surgir no fundo o verdadeiro, sobre o fundo do desconhecido, sobre o fundo oculto do invisível”. Podemos relacionar essa noção na discursividade bolsonarista, tendo como exemplo o enunciado João 8:32. Na passagem bíblica, Jesus fala aos Judeus para permanecerem firmes à sua palavra para serem livres do pecado. O versículo, mobilizado na enunciação política, funciona como uma chamada, que pode ser parafraseada por *venham, trago-lhes a verdade e a libertação*, que funciona histórica e semiologicamente ao modo de uma *boa nova* própria ao projeto de governo bolsonarista.

Neste modo de pensar e instrumentalizar o governo por meio de uma racionalidade religiosa, pretende-se que esteja a verdade que guiará o país para a liberdade. Do ponto de vista da retórica bolsonarista, o país precisaria se libertar de quem e do quê? As práticas discursivas mostram que a marcha bolsonarista apoia-se na premissa da corrupção política e social, sempre imposta ao outro, e não cessa de tentar demonstrar a devassidão e o mal que os governos anteriores trouxeram, basta lembrar o empenho da campanha bolsonarista com seus ataques ao PT e à esquerda de modo geral. Nesse sentido, a verdade reivindicada pelo bolsonarismo para ser objeto de saber, de conhecimento, é a proposição e a operacionalização de um projeto de governo que foi contra os trabalhadores e a diversidade social e cultural, alheio à história dos afrodescendentes e dos povos indígenas, catastrófico na gestão de uma pandemia, e antidemocrático.

A instrumentalização do modo de pensar a vida em Deus serviu ao propósito da ascensão da extrema direita brasileira. Conhecer a verdade é orientar-se na crença em ideais

absolutos e excludentes, que Bolsonaro e os seus souberam bem capturar. Aos ouvidos do *povo corrompido*, o convite pode soar como: *ofereço-lhes o novo mundo, estamos com a verdade e os guiarei até ele*. Na medida em que o discurso bolsonarista produz a si mesmo como a verdade, Bolsonaro emerge como *a figura do pastor que conduzirá o rebanho à salvação*. Movidos por uma crença em mudança a qualquer custo, os seus seguidores foram atravessados pelos valores cristãos postos como fundamento de um novo projeto de vida e de governo, por todos os lados as ovelhas de boa conduta gritavam sua negação ao outro ainda que seu semelhante, e tornaram possível a eleição de Bolsonaro.

Com base nesse contexto, este trabalho objetiva analisar nas práticas discursivas bolsonaristas as ressonâncias do poder pastoral. Para tanto, levantamos o seguinte problema: Se há um pastorado bolsonarista, como a instrumentalização de racionalidades e o exercício de tecnologias de poder se materializam e dão o tom do funcionamento dessa forma de governo na atualidade brasileira? Em termos de uma delimitação, o percurso analítico aqui apresentado está fundamentado nos estudos discursivos foucaultianos e recorta como *corpus* de análise publicações no *Twitter* postadas por bolsonaristas no período que compreendeu o exercício do Governo Bolsonaro.

### **Poder pastoral e a racionalização do Estado**

Ao olhar as regras, o estatuto, o funcionamento histórico e as formas das relações de poder, a perspectiva foucaultiana é uma *analítica do poder* diferente de uma teoria do poder. Isto porque o poder deve ser analisado em seus efeitos, visto que o poder não é uma substância que se detenha ou uma estrutura metafísica. Em Foucault (2021), o poder é relação e exercício, é menos algo que se detém e mais aquilo que se exerce. E nesta visão, a problemática se volta para as formas de funcionamento do poder, analítica na qual o pensador francês buscou estreitar sua pesquisa em relação à objetificação do sujeito a partir do uso efetivo de saberes ou racionalidades historicamente constituídas.

O que quer ser compreendido não é o que do poder, mas o como do poder: como ele é exercido em função da naturalização dos saberes pelo discurso do verdadeiro e sua afirmação e prática em instituições (FOUCAULT, 2021). Em torno da tópica de um afastamento foucaultiano da noção marxista de poder, Deleuze (2005, p. 81) entende que as relações de poder são ao mesmo tempo locais, difusas e instáveis, não emanam de um único centro ou de uma forma absoluta de soberania, e sim emergem “no interior de um campo de forças,

marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção e resistências. É por isso que elas não são localizadas numa instância ou noutra”. Para Foucault (2021) o poder é relação e exercício, é estratégia. Na analítica do poder, emerge o conceito de *governamentalidade*, que torna possível problematizar as relações de poder. Em um sentido também de antagonismo, do ser político que se faz de jogos de embate e força, a problemática da governamentalidade impõe descrever e compreender as estratégias e modos de expressão entre as táticas de governo dos outros e as técnicas de governo de si (FOUCAULT, 2006; OLIVERIA; SILVA; SILVA, 2019). A política é onde e quando se chocam as estratégias de governo e de dominação, que são exercidas sobre outros, e a agência no âmbito do governo de si, da dimensão ética. Com isso, Foucault (2008, p. 143) busca compreender a governamentalidade como “o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas”, que incluem as formas do saber e do poder, e suas manifestações nas diversas práticas de governar os outros e as diferentes formas de aplicar técnicas e expressões do pensamento para uma agir como governo de si mesmo.

A crítica na analítica foucaultiana quanto à política se opõe à individualização e ao totalitarismo nos modos de constituição da razão de Estado. Para isso, e retomando a descrição histórica dos discursos de saber (FOUCAULT, 2007), a função do linguista deve ser a de colocar em questão o tipo de racionalidade indexada às práticas governamentais, descrever os arranjos enunciativos nas materialidades dos jogos de saber e poder. Portanto, ao interrogar as formas do pastorado bolsonarista, o que está na base é a desconstrução de uma linguagem política que articula uma racionalidade religiosa e estratégias de força e controle para produzir imagens de governo, a serem problematizadas pela centralidade que ocupam em nossa atualidade. Entre as formas do saber e do poder, o papel da crítica linguística é retomar as imagens que inquietam a sensibilidade e atualizar a seguinte provocação: “como são racionalizadas as relações de poder?” (FOUCAULT, 2006, p. 385).

Foucault (2008) encontra na história do termo *governo*, pelo menos dois sentidos: entre os séculos XIII e XV, havia um sentido espacial, de guiar-se, de fazer ir em frente, de fazer deslocar e propiciar subsistência. Logo, governar é gerir uma população em busca de subsistência. Há também um sentido moral, que remete “ao controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir” (FOUCAULT, 2008, p. 164). Podemos dizer então que este último sentido diz

respeito à condução de condutas, visto que o que se governa são os homens<sup>5</sup>. A emergência da ideia de um governo dos homens tem início no Oriente pré-cristão e se difunde até o Ocidente com o cristianismo. Ela aparece sob duas formas: a organização de um tipo de poder pastoral, depois pela forma da direção de consciência, uma direção das almas (FOUCAULT, 2008, p. 166). Com isso, as teses foucaultianas mostram como o governo de tipo pastoral é um fenômeno típico cristão.

O poder pastoral é uma invenção cristã. Assim o é, posto que, raramente se encontram vestígios de exercício da condução de condutas com os gregos, na relação pastor-ovelha, (salvo algumas poucas exceções como as críticas platônicas) e, do mesmo modo, acontece com os romanos. Foucault (2008) estudou a forma como os gregos pensavam a prática de governar. Vê-se a metáfora do rei que é encarregado de conduzir a cidade, de conduzi-la bem, assim como o piloto é encarregado de governar bem um navio. Contudo, nessa metáfora, o rei conduz a cidade, não os cidadãos, bem como o navegador conduz o barco e não os tripulantes. Assim, é a “cidade em sua realidade substancial, em sua unidade, com sua sobrevivência possível ou seu desaparecimento eventual, isso é que é o objeto do governo, o alvo do governo” (FOUCAULT, 2008, p. 165). Nesse sentido, os homens são governados de maneira indireta pelo fato de que também são tripulantes do navio.

A organização do poder de tipo pastoral, no qual aquele que governa é considerado um pastor para os homens governados, é tema frequente no Oriente mediterrâneo. A metáfora do pastor, no Egito, a exemplo, o faraó recebe também o título e o cajado de pastor. Segundo Foucault (2008), o rei está numa relação de intermédio entre Deus e os homens. Ao rei foi confiada a função de bem conduzir as ovelhas sempre em direção a Deus. Contudo, nem sempre a relação do pastor com as ovelhas é de cunho religioso. É com os Hebreus que o funcionamento de um pastorado se intensifica e, nele, essa relação é estritamente religiosa<sup>6</sup>. Com exceção do Rei Davi, o título de pastor é direcionado exclusivamente a Deus e os profetas, nesse caso, recebem a missão de devolver o rebanho a seu pastor. Dessa forma, o poder do pastor não é um poder sobre um espaço, um território como nos gregos, mas é um poder sobre um rebanho em deslocamento.

Postas essas diferenciações, Foucault (2008) aborda o poder pastoral como uma técnica específica de poder sobre os homens, no Ocidente, só foi possível com o cristianismo.

---

<sup>5</sup> Foucault encontra uma regularidade em todos os sentidos apresentados: “nunca se governa um Estado, nunca se governa um território, nunca se governa uma estrutura política. Quem é governado são sempre as pessoas, são sempre homens, são sempre indivíduos ou coletividades” (2008, p. 164).

<sup>6</sup> Para Foucault (2008, p. 167), “entre os hebreus, a relação pastor-rebanho é essencialmente, fundamentalmente e quase exclusivamente uma relação religiosa”.

Contudo, salienta que o cristianismo abarca diversas realidades distintas, numa cadeia de relações complexas. Por esse motivo, acrescenta:

O pastorado começa com certo processo que, este sim, é absolutamente único na história e de que sem dúvida não encontramos nenhum exemplo em nenhuma outra civilização: processo pelo qual uma religião, uma comunidade religiosa se constitui como Igreja, isto é, como uma instituição que aspira ao governo dos homens em sua vida cotidiana a pretexto de levá-los à vida eterna no outro mundo (FOUCAULT, 2008, p. 196).

Essa forma de poder pastoral, que se institucionalizou a fim de governar os homens para que fossem salvos, se desenvolveu e se transformou numa arte de conduzir, controlar e manipular e encarregar-se dos homens durante sua vida. O pastorado continuou isolado do poder político até o século XVIII, quando o Estado moderno começou a emergir, com a Contra-reforma. Foucault (2008) postula que o Estado moderno aparece quando a arte de governar passa a ser uma prática efetivamente política, nos termos de correlações de saber e poder como prática refletida para o governo dos homens. O poder de tipo pastoral deu condições de possibilidade de emergência a essa junção. Segundo Foucault (2006, p. 385) a “racionalidade política se desenvolveu ao longo da história das sociedades ocidentais. Inicialmente, ela se enraizou na ideia do poder pastoral, depois, na razão de Estado”. É a partir da racionalização da política que emerge a racionalidade estatal. Nesse sentido, o pastorado é uma espécie de prelúdio da governamentalidade.

Aqui, situaremos alguns elementos que, segundo Foucault (1995), definem a tipologia do pastorado. Ao se instituir como Igreja, o cristianismo deu condições de possibilidade para jogos de transferência de poder: a partir daí, certos indivíduos podem encarregar-se de servir aos demais como pastores, não como educadores, reis ou profetas. Assim, temos: a) o poder pastoral tem por finalidade garantir a salvação da ovelha na vida após a morte; b) o pastor não serve somente para comandar, mas também deve estar pronto para se sacrificar pelo rebanho; c) é um poder que cuida da vida particular de cada indivíduo, não apenas do coletivo; d) para que o poder pastoral possa ser operado com eficiência, é necessário que se conheça a mente e os segredos dos homens, para então explorar suas almas. O pastorado ocasiona um saber da consciência e a habilidade de regular o pensamento dos homens para melhor governá-los.

Além dessas, Foucault (2008) também descreve outras relações manifestas nesse tipo de poder. São elas: uma relação com a lei, na medida em que, para garantir a salvação o rebanho deve seguir uma ordem estabelecida, como um mandamento, a própria vontade de Deus; e uma relação com a verdade, visto que, tanto na fé cristã quanto nas outras religiões, a

verdade é encontrada nas escrituras sagradas e só se pode alcançar a salvação se o indivíduo aceitar, crer e professar tal verdade.

O pastorado sofreu transformações ao longo das épocas, e Foucault (1995) destaca alguns pontos centrais. O primeiro deles é que o governo não tem mais como objetivo garantir a salvação num além-mundo, mas assegurá-la nesse mundo. Nesse movimento, a palavra *salvação* ganha outras significações como a idealização de um padrão de vida, bem-estar, proteção, segurança e garantia da boa vida. Com isso, por diversas razões, os objetivos da racionalidade de Estado, foram, antes, objetivos da razão pastoral. Um segundo ponto, diz respeito a um reforço administrativo das relações de poder. Isto se deu devido ao fato de que “esta forma de poder era exercida pelo aparelho do Estado ou, pelo menos, por uma instituição pública” (FOUCAULT, 1995, p. 238).

Por fim, a analítica do poder faz perceber que não só o reforço, mas também a multiplicação, tanto dos alvos quanto dos agentes do poder, permitiu o desenvolvimento de saberes sobre o homem. Esses saberes operam numa direção dupla: um globalizador que visa ser exercido sobre a população, ao coletivo; e um ao indivíduo, de modo analítico. Embora o autor tenha marcado o fim da era pastoral no século VIII, esclarece que “o poder pastoral em sua tipologia, em sua organização, em seu modo de funcionamento, o poder pastoral que se exerceu como poder é sem dúvida algo de que ainda não nos livramos” (FOUCAULT, 2008, p. 197). Essa forma de poder ampliou-se subitamente por todas as relações do corpo social e encontrou apoio na multiplicidade de instituições (FOUCAULT, 1995).

Considerando esta última alegação, bem como a ideia de que um *ratio pastoralis*<sup>7</sup> se desenvolveu ao longo dos séculos, tornando-se o que hoje conhecemos por razão de Estado (FOUCAULT, 2008), avancemos aqui estendendo a nossa problemática. Assim, devemos direcionar a pergunta para *o que há ainda de estritamente religioso no poder pastoral hoje?* Ou, especificando de acordo com nosso objeto de estudo, *quais são as formas de relação pastor-ovelha materializadas no discurso e governo bolsonaristas?* Um próximo passo, mais analítico da cena política brasileira atual, possibilitará algumas respostas.

---

<sup>7</sup> Do latim, sistema pastoral.



## Bolsonaro: o sacrifício do bom pastor

Figura 1 - *Post no Twitter* oficial do Presidente da República, 2022



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.<sup>8</sup>

No enunciado, temos uma postagem na qual o presidente, a partir de seu perfil pessoal do *Twitter*, enfatiza que sua empreitada política é *o melhor caminho* que o povo brasileiro dispõe para realizar o sonho de uma nação próspera. Nesse movimento retórico, declara sua imperfeição como homem que peca, que, assim como todo homem, erra. Bolsonaro, na campanha à presidência de 2022, passa a adotar o discurso do perdão e do arrependimento. Para justificar seus pecados cometidos, faz referência ao próprio Deus cristão que veio ao mundo em sacrifício para que fosse possível a salvação da humanidade pecadora e movimentar a memória da passagem bíblica em Lucas 15:7<sup>9</sup>. Nesse sentido, o enunciado causa um efeito de busca pela redenção dos pecados e perdão, não só por Deus, mas também pelo povo brasileiro. Isto porque o Presidente estava no fim de seu primeiro mandato e foi fortemente criticado em sua gestão. Foucault (2008) chama esse elemento do poder pastoral de princípio de *mérito e demérito*: o pastor deverá prestar contas sobre sua conduta às ovelhas no fim do dia.

Vemos também no enunciado a mobilização do princípio de *correspondência alternada*. O pastor conhece as fraquezas do rebanho e, por isso, servirá como um condutor ao mesmo tempo em que as fraquezas do pastor podem contribuir para a salvação do rebanho. Isto é, na medida em que o pastor reconhece suas imperfeições para que não as oculte em meio aos fiéis, na medida em que o pastor declara publicamente seu erro, ele se mantém na

<sup>8</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577442100614156288>. Acesso: 13 out. 2022.

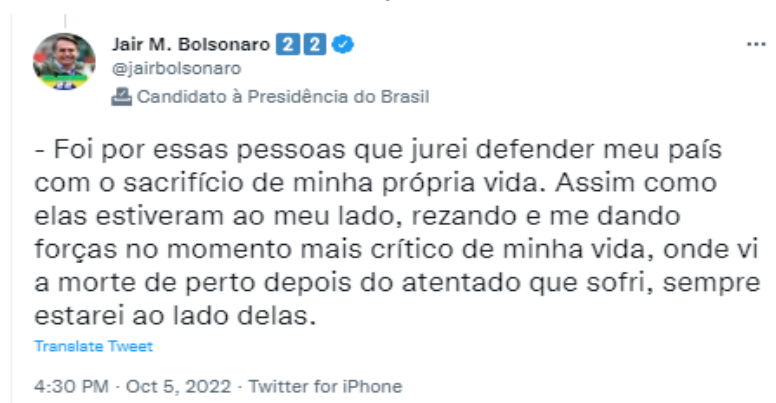
<sup>9</sup> “Digo-vos que assim haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”.

modéstia: conduta essencial para edificação de si e do rebanho, para a condução do rebanho à salvação, segundo a narrativa ética cristã (FOUCAULT, 2008).

É possível afirmar em termos da atualização de um discurso de tipo pastoral, visto que é oferecido um caminho – o melhor caminho – para um país próspero. No exercício do poder pastoral, de acordo com Foucault (2008, p. 222), o pastor guia suas ovelhas por um caminho, desloca o rebanho *pela vereda da salvação, em direção à terra prometida*; o pastor, nesse sentido, também deve garantir sustento e prover alimento – seja ele material ou espiritual –, situação na qual a promessa de uma nação próspera é a promessa de alimento, de virtude e de grandeza social. A menção ao sacrifício de Jesus para com os pecadores também, manifesta sua fé e princípios cristãos, lugar sujeito no discurso religioso, emitindo uma imagem de efeito sinonímico com o exemplo de Deus que sacrificou sua vida para salvar os homens.

No pastorado o pastor “tem de aceitar tomar sobre si o pecado das ovelhas para que as ovelhas não tenham de pagar e de maneira que ele é que pague” (FOUCAULT, 2008, p. 226). Essa retórica do sacrifício é comum no discurso bolsonarista. Em outra postagem, Bolsonaro reverbera:

Figura 2 - Post no Twitter oficial do Presidente da República, 2022



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.<sup>10</sup>

No *post*, Bolsonaro lembra que na corrida eleitoral de 2018, teria sido esfaqueado em meio à multidão. Com isso, a partir desse acontecimento, começaram a surgir enunciados – advindos de seus eleitores evangélicos – como “ele derramou sangue por nós”, ou até mesmo “ele se sacrificou por nós”, na tentativa de identificar o sacrifício de Jesus ao do presidente em sua empreitada política na defesa dos valores cristãos. Iniciou-se também a campanha “Meu

<sup>10</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577743054395645954>. Acesso: 13 out. 2022.

partido é o Brasil”<sup>11</sup>, visto que eram os dizeres que estavam na camisa que Bolsonaro vestia. Para a campanha, adicionaram a perfuração e sangue representando o atentado. A isto, acrescentamos junto a Foucault (FOUCAULT, 2008, p. 226) que “o pastor tem de estar disposto, no sentido temporal da expressão, a morrer de morte biológica se as ovelhas estiveram expostas, tem de defendê-las contra seus inimigos temporais, mas também no sentido espiritual, ou seja, o pastor tem de expor sua alma pela alma dos outros”. O atentado não era apenas a Bolsonaro, era também, segundo esse discurso, ao próprio país, à integridade do povo brasileiro, sobretudo, aos valores cristãos.

As pessoas mencionadas são seus eleitores, ou o seu rebanho. É reforçada a promessa feita às suas ovelhas de defender o país – o motivo de seu sacrifício –, e, da mesma forma, reforça que sempre estará ao seu lado. Esse movimento retórico causa um efeito de afinidade, mostra o apreço e dedicação do pastor pelo seu rebanho. Da mesma maneira, as ovelhas amam o pastor. Por isso oram por ele, para que seu pastor continue guiando-os. Há “uma relação de responsabilidade recíproca entre a comunidade e quem é encarregado dela” (FOUCAULT, 2008, p. 223). Numa relação recíproca entre o zelo do pastor para com as ovelhas e o cuidado destas para com seu guia, o pastor eleito conta com o apreço do seu rebanho.

Todo campo de batalha necessita de um líder, e essa liderança não pode ser exercida por qualquer um que assim o deseje ser: seu guia, na esfera política, deve servir, pelo menos, como um representante legítimo dos ideais defendidos por aqueles que o seguem. Portanto, Jair Messias Bolsonaro emerge como essa figura no cenário político brasileiro quando se candidata à presidência da República e ameaça governar para a maioria cristã. No Estado da Paraíba, em 2017, o candidato já mostrava ser essa figura em um de seus discursos: “Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. Vamos fazer um país para as majorias [...] as minorias se adéquam ou simplesmente desaparecem”<sup>12</sup>.

Essa *maioria* a que se refere o enunciado diz respeito aos cristãos, corroborada na ênfase de que o Estado seria cristão, considerando antagonismo quanto ao Estado laico, não perdendo de vista que os cristãos compõem a maioria da população brasileira. Quanto às minorias, na visão bolsonarista, trata-se daquela gama de pessoas que divergem de sua crença.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/09/09/campanha-de-bolsonaro-cria-camisa-com-sangue-e-deve-exibir-facada.htm>. Acesso em: 25 set. 2022.

<sup>12</sup> É possível recuperar a enunciação do deputado no seguinte, conforme a publicação disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/video-nao-tem-essa-historinha-de-estado-laico-e-estado-cristao-disse-bolsonaro-em-comicio/>. Acesso em: 28 set. 2022.

Essas devem se ajoelhar perante a vontade da maioria, pois suas crenças e valores não terão lugar no pastorado bolsonarista. A politização da fé e o atravessamento da religião com o Estado são capitalizadas na retórica que consubstancia a produção da imagem pública de Bolsonaro, que funciona como um correlato positivo, avesso do bem, da imagem negativa atribuída à palavra minorias, consideradas *inadequadas* ou *abjetas*, que estão *alterando a ordem social*. Se na postagem não se produz toda a visibilidade do referente, a posição enunciativa e todo o domínio associado das práticas bolsonaristas não deixam margem para dúvidas de que a palavra nomeia a população LGBTQIAP+, mulheres, população indígena, pretos(as), que historicamente possuem pautas de luta defendidas por partidos de esquerda.

Para Alonso (2013, p. 207-206):

Na “cultura política” dos evangélicos contemporâneos, portanto, combinam-se os desejos de instalação do reino pacífico de Deus sobre todas as pessoas perdidas “do mundo” perverso, mas os “representantes políticos do Diabo” continuaram sendo os “esquerdistas” que relativizam os poderes da divindade por meio das decisões instruídas por potestades como hostes implacáveis.

Os evangélicos atribuem ao poder político uma forma de purificação: seu líder, portanto, não permitirá contaminação. Isto quer dizer que, para saciar seu desejo por um mundo “puro”, o reino de Deus deve ser conquistado, para tanto, deve-se fazer os agentes do mal se adequarem ou sua existência será negada. Nesse sentido, o líder remonta à figura de um pastor, aquele que guia e salva. Assim sendo, essa figura que representa os ideais cristãos no exercício político é uma peça chave para a transformação do mundo. Sobretudo, um representante que ocupe o cargo de Presidente de uma nação.

No pastorado, o pastor deve assegurar a salvação a todos: deve-se investir na salvação de cada um, ao passo em que se almeja salvar toda a comunidade. “Nenhuma ovelha é diferente. Nem uma só deve escapar desse movimento, dessa operação de direção e de condução que leva à salvação. A salvação de cada um é importante em termos absolutos e não apenas relativos” (FOUCAULT, 2008, p. 223). É o que remonta a parábola que o Cristo conta para seus apóstolos: “Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai atrás da perdida até que a encontre?”<sup>13</sup>.

Esse efeito de inclusão não se ajusta à estratégia bolsonarista, tal elemento retorna como uma descontinuidade na discursividade aqui analisada. No bolsonarismo, não são todas

---

<sup>13</sup> Lucas, 15:4.

as ovelhas que merecem a salvação. Apenas aquelas ovelhas que permanecem no caminho dos justos e santos é que serão salvas. O pastor bolsonarista não volta em busca das ovelhas que se desgarraram do grupo, mas as condena pela fuga da boa conduta. Assim, o “bom pastor” bolsonarista é um pastor para as “boas” ovelhas: um pastorado, não apenas para ovelhas cristãs, mas para ovelhas cristãs do rebanho bolsonarista. O pastor é sempre um benfazejo (FOUCAULT, 2008), no entanto, à essa contradição, Foucault (2008, p. 224) vê que, paradoxalmente, a “necessidade de salvar todo o rebanho implica que é necessário aceitar, se preciso, sacrificar uma ovelha que possa vir a corromper o todo”.

Vê-se, pois, que o bolsonarismo, apoiado no discurso moralista cristão, designa quais ovelhas são corrompidas para então negá-las um lugar no rebanho, para excluí-las e impedir a contaminação do grupo. Trata-se de um princípio de *responsabilidade analítica*: o pastor deverá se encarregar de observar tudo o que as ovelhas fazem de bom ou de mau numa distribuição qualitativa e factual. Aqui também é possível perceber o princípio do mérito: o pastor “tem de administrar, sem certeza terminal, as trajetórias, os círculos, as reviravoltas do mérito e do demérito” (FOUCAULT, 2008, p. 229) das ovelhas para julgá-las corrompidas ou não. É nesse ponto que podemos ver na prática bolsonarista ressonâncias do poder pastoral na visibilidade de uma pregação à exclusão das condutas socialmente divergentes do ponto de vista do pensamento cristão hegemônico.

### **Das leis de condução do pastorado**

Há no pastorado também uma relação com a lei. Não se trata de uma submissão a uma ordem, a uma lógica extraída pela razão para a construção de princípios de lei e de ordem. Mas se trata de uma obediência, uma submissão a um indivíduo, de um indivíduo a outro indivíduo (FOUCAULT, 2008). A relação que daí resulta é uma condução segundo o princípio da obediência cristã. Isto é, um pastor, para guiar seu rebanho em segurança à salvação, pelo caminho tortuoso e cheio de tentações, necessita de um rebanho obediente.

Figura 3 - *Post no Twitter oficial de Carlos Bolsonaro, 2022*



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter.<sup>14</sup>

Bolsonaro é ex-capitão do exército brasileiro e esse título possibilitou que diversos enunciados emergissem numa ressignificação para sua posição política. Além da demasiada presença do discurso religioso, o bolsonarismo se constitui de outro atravessamento discursivo estabelecido na relação político-militar. É o caso da figura 3, na qual um filtro para perfis de *Twitter* é compartilhado por um dos filhos de Bolsonaro. Numa espécie de chamada para apoio ao candidato à reeleição, constata: *Bolsonaro Capitão do Povo*. O título de capitão aqui é ampliado: não se trata mais de um capitão de guarnição, o capitão agora comanda – ou quer comandar – um povo, *O povo*, seu rebanho. No deslize metafórico entre os campos semânticos, o efeito objetiva trazer a memória de sua patente militar como capitão para sua condução do povo brasileiro, num convite aos seus eleitores a se juntarem em apoio ao *exército bolsonarista*.

É importante perceber o teor bélico aqui evocado. A marcha contra a corrupção do pastorado. Desde sua primeira campanha, os bolsonaristas saúdam com um gesto militar do soldado em continência ao seu capitão, ressaltando prontidão para o combate e, ao mesmo tempo, subserviência. Isto porque “aquele que é dirigido deve aceitar, deve obedecer, no interior mesmo dessa relação” (FOUCAULT, 2008, p. 232). Isso está também materializado em eventos e movimentos como *A marcha para Jesus*, que, no Governo Bolsonaro, tornou-se uma marcha-manifestação em prol do bolsonarismo.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1577627551035379712>. Acesso: 18 out. 2022.



Nesta conciliação do discurso militar ao discurso religioso, vemos uma mobilização de mão dupla para o exercício político. Ora, obedece-se ao pastor de maneira que este os guiará e os conduzirá pelo bom caminho, mas ao mesmo tempo, há uma obediência a serviço da defesa dos princípios morais e políticos pelo rebanho bolsonarista. É possível ver esse entrecruzamento no enunciado *Deus, pátria, família*, tríade constantemente acionada nas práticas discursivas bolsonaristas. Veiculado na campanha de 2018, esse *slogan* veio a ser ressignificado na corrida política de 2022 para *Deus, pátria, família e liberdade*<sup>15</sup>.

*Deus* evoca o discurso religioso, *pátria*, o militar. Na retórica bolsonarista, o termo *família* tem sido associado à defesa da família heteronormativa e no combate à efetividade da constituição familiar com casamento homoafetivo, diversidade completamente rejeitada pelo discurso bolsonarista de tom moralista. *Liberdade* foi acrescentado, sobretudo, na visibilidade de uma discursividade que alega perseguição a cristãos, à liberdade religiosa, que segundo bolsonaristas, está em risco com a possibilidade de vitória do partido opositor<sup>16</sup>.

Obedecer ao pastor como seu capitão é entregar-se à luta ao mal que espreita o povo brasileiro, o rebanho. “O cristão se põe nas mãos do seu pastor para as coisas espirituais, mas também para as coisas materiais e para a vida cotidiana” (FOUCAULT, 2008, p. 232). Foucault (2008) ainda lembra da passagem bíblica – por ele atribuída a um dos Salmos – que diz “Quem não é dirigido cai como uma folha morta”. A relação entre um indivíduo que é dirigido e outro que o dirige, não é uma questão de condição, mas é um elemento basilar da obediência no cristianismo. É ao pastor que a ovelha deve recorrer para definir as medidas de sua conduta, nunca a si mesmo (FOUCAULT, 2020). Obedecer ao pastor que evoca Deus é obedecer ao próprio Deus; obedecer ao pastor-capitão é obedecer em prol da defesa do pastorado. Obedecer é garantir o caminho seguro à liberdade do rebanho. No bolsonarismo, a obediência é, não somente ao pastor, mas também ao próprio bolsonarismo, numa forma de *dependência integral*. Uma servidão que passa pelo pensamento e pela conduta, um dever “obedecer mesmo quando a ordem é contrária a tudo o que pode ser considerado lei” (FOUCAULT, 2008, p. 233).

Para Foucault (2008), o poder de tipo pastoral, por ele investigado ao modo cristão, possui um elemento fundamental que é a relação com a verdade. A verdade como ensino: o ensino da direção de conduta. Nas práticas cristãs de pastorado, “o pastor deve ensinar por seu exemplo, por sua própria vida” (FOUCAULT, 2008, p. 238). O ensino deve ser quanto à vida

<sup>15</sup> A materialidade pode ser encontrada no *post* de *Twitter* de Eduardo Bolsonaro: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1575742309450190848>. Acesso em: 18 out. 2022.

<sup>16</sup> A postagem do Pastor e Deputado Marco Feliciano mobiliza esse discurso: <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1560276683487264771>. Acesso em: 18 out. 2022.

cotidiana, deve passar por uma vigilância, a cada instante, isto é, o pastor deve observar seu rebanho continuamente. Um segundo aspecto da relação com a verdade é a direção de consciência. Isto se dá pela pura necessidade de que, para dirigir um rebanho, o pastor deve conhecer o íntimo das suas ovelhas. No cristianismo, a direção de consciência não é voluntária, e sim, obrigatória, não se pode deixar de ter um diretor de consciência (FOUCAULT, 2008). Essa direção de consciência também não é em relação a uma circunstância específica. Ela é permanente, é em relação a tudo e a todo momento, por toda a vida. Há, por fim, um terceiro aspecto dessa relação: o exame de consciência. Tal exame serve como instrumento de condução de conduta, assegurando ao indivíduo a autoanálise e o controle de si mesmo, de modo que esse exame assegure a dependência do sujeito em relação ao diretor de consciência (FOUCAULT, 2008). Dito de outro modo, a ovelha examina a si mesma para dizer ao pastor que a dirige o que pensou, o que fez, tecnologia que denota o controle e a regulação do rebanho por meio do discurso da verdade de si. Não obstante, sob o prisma da moral cristã.

A relação com a salvação do rebanho – da salvação da alma e da vida terrena, ela mesma – é uma forma de exercício do poder, ao passo em que, “pegando o problema da salvação em sua temática geral, vai introduzir no interior dessa relação global toda uma economia, toda uma técnica de circulação, de transferência, de inversão dos méritos” (FOUCAULT, 2008, p. 242). Essa tecnologia é uma articulação entre o saber e o poder, porque ao ensinar o pensar e o agir verdadeiros, o pastor ensina uma verdade constituída num interior de racionalização específica. E, ao mesmo tempo que instaura uma técnica de investigação de si, de um exame de si e dos outros, faz surgir uma determinada verdade, uma verdade oculta, a verdade da alma, que será o elemento pelo qual se exerce o poder do pastor. Segundo Foucault (2008, p. 242), “essas novas relações dos méritos e deméritos, da obediência absoluta, da produção de verdades ocultas, é isso que constitui o essencial, a originalidade e a especificidade do cristianismo”.



Figura 4 - Post no Twitter oficial de Olavo de Carvalho, 2021



Fonte: Perfil de Olavo de Carvalho no Twitter.<sup>17</sup>

No bolsonarismo, há sempre um apelo à verdade, ela sempre vem acompanhada do discurso universalista da verdade cristã, da verdade estabelecida pela palavra de Deus: as sagradas escrituras<sup>18</sup>. A verdade como revelação, necessária à liberdade. Na materialidade da figura 4, Olavo de Carvalho, que teve um papel fundamental na constituição do bolsonarismo, na economia dos discursos bolsonaristas, põe em cena imagens constitutivas do antagonismo e da polarização que marcam a cena política brasileira. Sendo por muitos considerado um filósofo – para outros uma espécie de guru – Olavo de Carvalho esteve sempre presente compartilhando seus ensinamentos através de manifestações de verdades, verdades ocultas. Na postagem, o bolsonarista avisa sobre uma guerra, que ele aponta não ser política justamente para ocultar a dimensão do político que lhe é constitutiva, e a nomeia como uma guerra entre o cristianismo e o comunismo.

A ênfase ao colocar em caixa alta o termo *Cristianismo* cumpre a função de reforçar não se tratar de uma batalha política, mas do embate de uma religião contra o inimigo mortal da extrema direita brasileira<sup>19</sup>. Esse é o efeito de verdade objetivado pelo discurso aí mobilizado: não é o capitalismo que irá acabar com o mal, o mal que quer corromper o rebanho, a nação cristã, mal que faz imagem na velha recusa de uma sociedade realmente democrática e de acesso amplo, inclusivo e igualitário. A tarefa, então, caberá ao povo, ao exército cristão, o pastorado liderado pelo capitão do povo, do rebanho, cuja força da crença na verdade será libertadora.

É perceptível, numa primeira impressão, a contradição ao dizer que o capitalismo seria *protetor do comunismo*. Como duas teorias políticas rivais podem ser discursivizadas dessa forma? Ainda que saibamos que a contradição seja o próprio do discurso e do político,

<sup>17</sup> Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1465991936859422720>. Acesso: 13 out. 2022.

<sup>18</sup> Vide o caso de João 8:32.

<sup>19</sup> Uma menção a esse discurso pode ser conferida na postagem de Bolsonaro no *Twitter*: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1105065879555985409>. Acesso em: 19 out. 2022.

Foucault (2011) dará outra contribuição à resposta ao dizer que a manifestação da verdade não tem em si uma utilidade econômica. É uma verdade manifesta por sua pura enunciação. Não é uma verdade útil em si, mas uma verdade que tem uma história, vez e lugar numa correlação de saber, poder e subjetividade, pois a prática bolsonarista implicou numa regulação e controle de condutas em termos de uma crença acima de qualquer suspeita e sem pretensão de rigor ou saber correlato com a vida prática.

O pastorado bolsonarista se fez possível por meio de uma racionalidade que passa ao largo de uma relação ética e justa com o saber, com os corpos, com as reais necessidades daqueles que assumem um lugar nesse rebanho. Deste ponto em diante, o dizer de Olavo de Carvalho vai na direção da afirmação de que a questão não passa apenas pelas contradições do capitalismo como razão de Estado, e que o político, o jogo mesmo de confronto de saber e de poder, é atravessado por outras estruturas de pensamento e modos de ver o mundo. *Deus, pátria, família e Liberdade* passa a figurar como uma sintaxe que organiza a racionalidade bolsonarista e seu *modus operandi*, fazendo emergir verdades ancoradas em fundamentalismos, em padrões hegemônicos e normativos, em flertes explícitos com a ditadura e com o patriarcado, e na crença de uma pureza social e ideológica daqueles que compõem o rebanho. O pastorado bolsonarista é um laço político possível por meio de uma infinidade de aberrações que justificam a condução de condutas verificada no exercício de uma governamentalidade de extrema direita no Brasil.

As verdades do pastorado bolsonarista são formuladas, circulam por diversos veículos, pelos quais indivíduos passam a acreditar. Para que essa manifestação da verdade serve se não para mobilizar massas e conduzir rebanhos? Podemos dizer que é também uma tática neoliberal? Talvez, mas antes é uma tática de governo dos outros, para manter pessoas seguindo determinadas condutas, porque estas acreditam que são verdades sem oponibilidade. Não se trata, pois, “da organização de um sistema utilitário de conhecimento necessário ou suficiente para exercer o governo, mas de um ritual de manifestação da verdade sustentada por um exercício de poder” (FOUCAULT, 2011, p. 10). Em outras palavras, não se trata de uma coerência, da construção de um discurso coerente para um certo tipo de utilitarismo.

Essa manifestação da verdade

É acompanhada de um conjunto de procedimentos verbais ou não verbais que podem ser, por consequência, da ordem da informação recolhida, da ordem do conhecimento, da ordem de tabelas, fichas, notas etc., que podem ser um certo número de conselhos; as que podem ser igualmente rituais, cerimônias; podem ser operações diversas como magias, consultas aos oráculos, aos deuses etc. (FOUCAULT, 2011, p. 11).

Esse conjunto de procedimentos é atualizado pela emergência de discursos baseados numa série de acontecimentos. Atualiza-se através de qualquer coisa que é afirmada como verdadeiro, seja por oposição ao falso, para eliminá-lo, mas também pelo apagamento do que, segundo sua retórica, fora esquecido, apagado. A verdade, nesse caso, aparece como revelação do oculto, por manifestação.

Com efeito, a manifestação da guerra entre cristianismo e comunismo passa pelo crivo do título de filósofo do bolsonarismo – que do ponto de vista do exercício do poder pastoral pode ser considerado uma figura de guia pastoral –, e na articulação de uma enunciação supostamente advinda de um saber com feição de validade, a manifestação da verdade pode se dar e não encontrar resistência ou contestação na figura do cristão bolsonarista, obediente, que serve voluntariamente ao seu capitão, pelo ensino do seu guru político.

### **Para efeito de fim**

O pastorado bolsonarista como acontecimento político se tornou possível numa trama discursiva e histórica complexa. Como vimos, suas formas discursivas se materializam na atualidade brasileira numa articulação entre uma racionalidade religiosa de tons fundamentalistas e correlações de força e estratégias de controle que assumem o valor de uma verdade para aqueles que comungam na prática bolsonarista. Entre as formas do saber e do poder, o pastorado bolsonarista, que regula e instrumentaliza as condutas dos adeptos do pensamento da extrema direita brasileira, funciona tanto mais quanto mais esconde sua condição de uma vontade de verdade.

O que muitas vezes vemos, lemos e ouvimos da retórica bolsonarista em termos de um afeto partilhado de grupo ou nos termos de uma verdade revelada apenas para alguns, os escolhidos, é a materialidade da própria negação da condição política. Do que foi discutido neste trabalho, nos termos de uma crítica discursiva e, sobretudo, do que acionamos em nossa memória, sobressai a pertença ao pastorado bolsonarista como sintoma da crise da democracia brasileira. Neste pertencimento de grupo, a esse seletivo grupo de indivíduos, vemos o investimento de uma governamentalidade que mantém o privilégio de poucos em detrimentos de todos. E isto, no efeito penoso de fazer com que muitos possam investir na sensação de pertencer ao grupo privilegiado sem ter acesso real aos privilégios dos poucos que jogam a armadilha para esses muitos.

É nessa contradição que emerge a figura do sujeito portador da verdade revelada a si contra o mal social da partilha de tudo para todos. Busca-se assim, nomear um inimigo e descobrir uma verdade na qual um mal comunista invade o Brasil e ameaça os valores e os privilégios de poucos. O bolsonarismo trabalha por essa via, e produziu uma sedução de rebanho que faz com que seus adeptos invistam em uma verdade transcendental que nada mais é que um jogo que ofusca os interesses bastante práticos e mundanos da manutenção de privilégios da elite nacional.

Outro efeito perverso do pastorado bolsonarista é o que podemos chamar de uma relação precária com o saber. Em outras palavras, um dos efeitos nocivos do bolsonarismo é a disseminação massificada da desinformação, algo que representa um estado de cegueira que faz os adeptos ao bolsonarismo engajarem-se em crenças sem qualquer fundamento plausível ou correlato verificável com acontecimentos ou estruturas do vivido. Nisto, fica instituída uma falsa relação com o saber, que impossibilita o esclarecimento político e, por extensão, o não acesso ao poder e à emancipação política. Como se não bastasse, muitos sujeitos acham que participam de uma transformação social, da descoberta de uma nova experiência coletiva que se revela como uma verdade que salvará o país. O militante extremista de direita emerge com a missão de assumir e propagar uma vontade de verdade que quase sempre castra por completo sua possibilidade de emancipação social.

Essa lógica encontrou solo fértil no bolsonarismo, com o laço de identificação que muitos brasileiros construíram com a figura de Bolsonaro e do seu grupo composto por seus filhos, prefeitos, deputados e senadores de todo o Brasil, e de personagens como Olavo de Carvalho que utilizava canais de *YouTube*, *Twitter* entre outros meios para manifestar e circular verdades de interesse da extrema direita.

Talvez seja mais pertinente entender o próprio bolsonarismo – ou o sujeito bolsonarista – como uma posição a ser ocupada em uma racionalidade, cujas regras impõe um conduzir-se de forma obediente e à margem do senso crítico, guiado pela palavra de salvação e pela agência oportuna de um pastor. Esta posição profética não é necessariamente um indivíduo específico, mas uma posição que ressoa verdades que encontram nela um lugar de dispersão. Isso nos leva a dizer que o pastor no bolsonarismo não diz respeito a esse ou aquele indivíduo, mesmo a Bolsonaro, gurus ou representantes do bolsonarismo, mas o próprio bolsonarismo como pretensa razão é o pastor, e a obediência ao seu pastor implica revelar e fazer valer a verdade manifesta. O pastorado, por sua vez, é o governo, a gestão do povo por meio de uma forma de pensar o governo das condutas, que faz valer toda uma série de tecnologias pastorais para garantia do pastorado e a manutenção dos privilégios do rebanho.

O pastorado bolsonarista representa a defesa de uma sociedade autoritária, a exclusão de condutas que não obedeçam aos princípios do pastorado, da boa conduta. Nega-se a possibilidade de pensamento plural e os diálogos entre as instituições democráticas, operando formas de controle dos corpos, da alma e do agir. As minorias, significante a ser preenchido por todos aqueles que não se ajustam à razão bolsonarista, não têm lugar no pastorado, portanto serão interditas, ameaçadas e excluídas.

## Referências

ALONSO, Seawright Leandro. Entre Deus, Diabo e Dilma: messianismo evangélico nas eleições 2010. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 202-218, jan.-jun., 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/3769>. Acesso em: 15 jan. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n1p202-218>

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P.: **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 230-249.

FOUCAULT, Michel. “Omnes et Singulatim”: uma Crítica da Razão Política. In: **Ditos e escritos IV: estratégia, poder, saber**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979-1980: excertos**. Trad. Bruno Andreotti. São Paulo: Centro de Cultura Social; Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: as confissões da carne**. Trad. Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Porto Carrero. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MOUFFE, Chantal. **Sobre O político**. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

OLIVEIRA, Pamella Rochelle Rochanne Dias; SILVA, Francisco Paulo da; SILVA, Francisco Vieira da. Governamentalidade e o dispositivo da sexualidade: das relações de poder à constituição ética do sujeito. **Colineares**, Mossoró, Brasil, v. 6, n. 2, p. 91-103, 2019.

Recebido em: 15 de janeiro de 2023

Aceito em: 17 de abril de 2023